

A militância política na obra de Jorge Amado

LUIZ GUSTAVO FREITAS ROSSI



O *Romancista do Povo*: cartaz de 1945,
quando Jorge Amado se candidatou e foi eleito para o cargo
de deputado federal, pela legenda do PCB de São Paulo

A MILITÂNCIA DE JORGE AMADO CONSTITUI um dos elementos-chave para a compreensão de parte substantiva de sua trajetória como escritor. Basta lembrar que, dos mais de sessenta anos de carreira, quase 25 foram dedicados à construção de uma prática literária visceralmente ajustada aos dilemas associados ao seu engajamento no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Um engajamento integral que, entre 1933 e 1954, resultou em páginas da mais alta voltagem ideológica e cujo vigor pode ser atestado pela ampla e volumosa produção no período, distribuída entre biografias, teatro, escritos políticos e, sobretudo, romances: *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941), *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luís Carlos Prestes* (1942), *Terras do sem-fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Bahia de Todos os Santos* (1945), *Seara vermelha* (1946), *O amor do soldado* (1947), *O mundo da paz* (1951) e a trilogia *Subterrâneos da liberdade* (1954), com os volumes *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite* e *A luz do túnel*.

Interessa, portanto, abordar neste texto a relação íntima entre literatura e política nessa primeira fase da carreira de Jorge Amado, evidenciando como a militância partidária e as posições do autor no campo das lutas ideológicas interferiram de maneira decisiva na concepção e no formato de sua ficção. Também se pretende mostrar como seus romances encerram uma série de referências pertinentes para se pensar a história política e cultural brasileira na primeira metade do século xx.

Romance, ideologia e luta de classes nos anos 1930

Jorge Amado surgiu na cena intelectual num momento particularmente tumultuado da sociedade brasileira, que experimentava os primeiros efeitos das transformações desencadeadas pela **Revolução de 30** e pela ascensão de Getúlio Vargas à presidência. Uma ascensão que, ao desalojar setores tradicionais dos postos de comando da nação, enfrentou períodos de instabilidade e crises de le-

REVOLUÇÃO DE 30. Movimento armado de 3 de outubro daquele ano que, tramado por grupos dirigentes de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba e encabeçado por Getúlio Vargas, resultou na deposição do então presidente da república, Washington Luís. Este movimento significou a tentativa de desestabilizar o poder regional das antigas oligarquias rurais, buscando atender as novas demandas sociais, políticas e culturais das crescentes camadas médias urbanas, geradas pela incipiente industrialização do país.

gitimidade, favorecendo a fermentação de toda sorte de organizações políticas dispostas a ocupar, contestar ou mesmo tomar o novo Estado que se montava.

Em face desse ambiente tenso da política brasileira, foi significativo o aparecimento de organizações como a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, e mais tarde a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935. Ambas deram feição à crescente radicalização das posições ideológicas da época: especialmente aquelas associadas ao fascismo e ao comunismo. Os integralistas, de um lado, encarnando as doutrinas nazi-fascistas de Hitler e Mussolini chegadas da Europa, e os aliancistas de outro, aglutinando diferentes grupos e organizações de esquerda (notadamente o Partido

Comunista), numa oposição não apenas ao avanço da AIB, mas também à guinada autoritária que o governo Vargas começava a adotar.

Com um envolvimento direto nas disputas ideológicas que grassavam pelo campo político, a geração de intelectuais que iniciaram suas carreiras nos anos 1930 se mostrou sensivelmente mobilizada em torno do desafio de compreender o que eram a sociedade e a cultura brasileiras: suas instituições, seu Estado, a formação de seu povo e sua composição étnica e cultural, sua identidade nacional. Enfim, temas voltados para a elaboração de *retratos* e *diagnósticos* da realidade brasileira, capazes de explicitar as razões de nosso atraso como nação e ao mesmo tempo indicar rumos para o ingresso do Brasil numa nova era de progresso e modernidade. De modo compreensível, data daquele momento a produção de alguns dos ensaios históricos e sociológicos seminais de nosso pensamento social, através dos quais se forjou uma postura analítica renovada sobre o nosso passado. Aqui vale lembrar a trinca de ensaios, hoje considerada clássica: *Casa-grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre; *Evolução política do Brasil* (1933), de Caio Prado Júnior, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sergio Buarque de Holanda.

Igualmente importante nesse momento em que o “Brasil começou a se apalpar”, para usar as palavras do crítico Antonio Cândido, foi o aparecimento de uma leva de romancistas cujas obras absorveram por inteiro aquele ambiente de cisões ideológicas e debates sobre os problemas nacionais. Entra em cena uma literatura de feições realistas e de vocação quase sociológica, atenta a cenários e personagens até então pouco contemplados por nossos escritores: o migrante nordestino, a temática da seca, a decadência das oligarquias rurais e também o proletariado nascente, a luta de classes e a miséria urbano-industrial. Além de Jorge Amado merecem destaque nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Erico Veríssimo, Dionélio Machado, José Lins do Rego, Patrícia

Galvão (Pagu), Octávio de Farias, Lúcio Cardoso e muitos outros que, mais tarde, entrariam para os compêndios de história literária como alguns dos mais notáveis representantes do chamado “romance social” da década de 1930. Não surpreende, portanto, que tenham saído da pena desses romancistas algumas das mais expressivas interpretações da vida social brasileira produzidas a partir daquela década.

Tendo se aproximado ainda muito jovem do Partido Comunista Brasileiro, aos vinte anos, Jorge Amado rapidamente ajustou os passos de sua incipiente e precoce carreira como escritor às demandas políticas e simbólicas mais substantivas dessa organização. E o resultado foi a elaboração de um projeto criativo bem-sucedido que não apenas se valeu ao máximo do marxismo como chave de análise social como realizou com extrema eficácia uma espécie de tradução, através da qual transformou conceitos, valores e imagens da militância política em formas e repertórios literários.

Nesse primeiro momento de seu engajamento, que abrange toda a sua produção da década de 1930 — com exceção da obra de estreia, *O país do Carnaval* (1931) —, Amado resolveu os encargos ideológicos de sua arte dando vida a uma escrita de forte inspiração soviética, a qual ficou conhecida como **romance proletário**. Um tipo de romance que, antes de qualquer coisa, devia retratar o universo existencial dos grupos mais baixos na hierarquia social e cujo estilo narrativo se aproximava bastante do modelo inflamado dos manifestos e panfletos políticos, uma vez que tinha explícitas intenções doutrinárias, como se observa nesta passagem de *Suor*:

— Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos... É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender... Para a revolução dos operários. É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido, para acabar com as explorações... com os governos podres e ladrões... Fazer um governo de operários e camponeses

Contudo, a fala do agitador político da trama, o personagem Álvaro Lima, não é sintomática apenas do pragmatismo ideológico com que o autor revestiu sua arte, intencionalmente concebida para ser uma arma para a “revolução dos operários”. Ela é importante também por trazer à tona um ponto-chave para se entender o formato dos romances proletários amadianos dos anos 1930. Como

ROMANCE PROLETÁRIO. Suas raízes remetem à literatura e ao Partido Comunista soviéticos que, após a revolução de 1917, começou a definir uma série de diretrizes acerca do papel e da função dos escritores na formação do novo homem comunista, bem como na vitória da causa proletária ao redor do mundo. Um romance essencialmente político, utilitário e protagonizado por personagens que expressassem coletividades: uma espécie de contraponto aos elementos considerados pelos comunistas como típicos da literatura burguesa, a exemplo do individualismo, o psicologismo e a fórmula mais geral da *arte pela arte*.

bem mostra o trecho em questão, trata-se de um discurso que apreende a realidade social a partir de categorias polarizadas (“poucos ricos” *versus* “muitos pobres”), sugerindo um mundo rigidamente dividido em duas grandes classes antagônicas: os exploradores “ladrões” e os explorados “miseráveis” ou, sendo mais fiel ao vocabulário marxista, os burgueses e os proletários. De modo que se está diante de um mundo ficcional no qual descrições, ações, espaços e personagens parecem ganhar sentido à luz de dois objetivos específicos: de um lado, servir como evidências das desigualdades socioeconômicas e da violência que afligem a vida dos explorados; de outro, enfatizar os aspectos da realidade social através dos quais os indivíduos são percebidos como expressões de coletividades ou grupos dominados mais amplos. É possível afirmar então que o herói de Jorge Amado só adquire tal *status* quando seus atos coincidem com os desejos e as reivindicações da classe à qual pertence.

Um recurso recorrente utilizado por Jorge Amado para dar expressividade às desigualdades da vida social foi o de ressaltar a harmonia entre o homem e seu meio, construindo literariamente cenas bastante sugestivas das soluções visuais obtidas pelo pintor e amigo Cândido Portinari (1903-62), em seus quadros da série *Retirantes*:

Os pés espalhados pareciam de adultos, a barriga enorme, imensa da jaca e da terra que comiam [...] Pobres crianças amarelas, que corriam entre o ouro dos cacauais, vestidas de farrapo, os olhos mortos, quase imbecis. A maioria deles desde os cinco anos trabalhava na juntagem. Conservavam-se assim enfezados, pequenos até aos dez e doze anos. De repente apareciam homens troncudos e bronzeados.

Cacau e Suor: o
início do ciclo de
seus romances
proletários da
década de 1930

Nessa passagem de *Cacau*, embora o narrador faça uma descrição das crianças da fazenda, os detalhes da cena foram dispostos para que sobressaíssem os efeitos do ambiente sobre elas. Os pés agigantados de amassar o cacau, a barriga

enorme de terra e talvez vermes, as feições precoces de adultos, as caras amarelas tal como a fruta, todas essas características são realçadas para que venha à tona a brutalidade de um sistema social cuja existência depende da exploração de “muitos” por “poucos”. É importante não confundir ambiente com geografia, uma vez que Jorge Amado estava interessado em dar relevo, sobretudo, às dimensões de ordem econômica como as determinantes básicas da existência e das ações dos homens.



Não parece aleatório, portanto, que os personagens amadianos fossem pouco introspectivos e de baixa densidade psicológica, sendo suas ações quase invariavelmente o resultado de conflitos deflagrados pelas condições de miséria, opressão e privações nas quais viviam. Em *Suor*, os moradores do cortiço do romance eram o retrato trágico, porém heroico, de homens e mulheres que lutavam para não serem literalmente devorados pelo “fétido, sem higiene e sem moral”

Casarão 68; o negro Antônio Balduíno, de *Jubiabá*, foi o boxeador que enfrentou todos os obstáculos e adversários para que cumprisse a mais importante promessa feita a si próprio quando criança: “ser do número dos livres” e não se submeter à “tradição” da “escravidão ao senhor branco e rico”; em *Mar morto*, a personagem Lívia realizou um “milagre” ao conseguir fugir do destino das mulheres pobres do cais que perdiam seus maridos: ir para “a cidade”, onde “alugavam seus braços” nas fábricas ou “seus corpos” na prostituição; e as crianças abandonadas de *Capitães da Areia* encontravam na “aventura da liberdade nas ruas” e na união do grupo meios de restituir os bens e os afetos que a orfandade lhes negara. Uma orfandade não apenas familiar, mas de todo o aparato político-institucional que os tratavam como os “delinquentes que infestam nossa urbe”.

No entanto, esse modo de interpretação, que tem como eixo as coordenadas socioeconômicas ao mesmo tempo que evidencia as hierarquias e as injustiças da sociedade capitalista, põe em perspectiva a vocação doutrinária de seus romances: mostrar que as desigualdades só acabarão quando os homens, a despeito de raça, cor, religião ou nacionalidade, tomarem consciência de sua identidade como uma única “humanidade proletária” e explorada. Daí a presença quase obrigatória das “greves operárias” nos desfechos de seus romances da década de 1930, pois é justamente o momento em que os personagens fazem a grande descoberta de suas vidas: a consciência e a solidariedade de classe.

A greve é dos condutores de bondes, dos operários das oficinas de força e luz, da Companhia Telefônica. Tem até muito espanhol entre eles, muito branco [...] Mas todo pobre agora já virou negro [...] A gente é negro, eles são brancos, mas nesta hora tudo é pobre com fome.



Ilustração de
Santa Rosa para
Cacau

Nesse trecho, de *Jubiabá*, o personagem negro Antônio Balduíno percebia pela primeira vez que, embora vítima de injustiças e preconceitos raciais, era junto de todos os outros “pobres com fome” que devia lutar. Com um olhar sociológico aguçado, Jorge Amado soube encontrar em nossa formação étnico-racial e em nosso passado escravista repertório e matéria-prima expressivos para analisar as desigualdades da moderna sociedade brasileira. Esteve, portanto, atento ao fato de que abordar a divisão entre ricos e pobres no Brasil significava falar do lugar e da inserção dos antigos escravos negros no regime capitalista: ou melhor, de uma parcela da população brasileira que se mos-

trava duplamente oprimida, como raça e como classe. Talvez por isso mesmo, em *Capitães da Areia*, o escritor tenha se valido da religião afro-brasileira como chave de leitura de mundo, através da qual Pedro Bala, o líder dos meninos de rua, conseguia enxergar melhor as hierarquias sociais. Afinal, foi primeiro na luta pela cidadania e pelos direitos dos praticantes do candomblé a exercer seu culto, à época ilegal, que Pedro Bala passou a encontrar razão e sentido em se tornar um “militante proletário [...] perseguido pela polícia de cinco Estados como organizador de greves [e] como dirigente de partidos ilegais”. Nesse momento já ficava explícito o interesse de Amado pelo tema da cultura e da religiosidade afro-brasileiras, que, após seu desligamento do Partido, só tenderia a aumentar, convertendo-se numa fonte inesgotável de inspiração ficcional e exemplarmente abordado em obras como *O compadre de Ogum* (1964) e *Tenda dos Milagres* (1969).

O romancista do povo e a literatura de partido: as décadas de 1940 e 1950

A partir da década de 1940 a obra de Jorge Amado sofreu algumas mudanças, especialmente em função de sua maior projeção e influência no interior do PCB. Aliás, pode-se dizer que foi nessa época, com o fim da hegemonia **obreirista**, que o escritor se tornou um membro partidário efetivo, deixando de ser apenas um aguerrido “simpatizante”: ainda que essa simpatia *por si só* tenha lhe valido duas prisões na década anterior. Assumindo novas responsabilidades políticas, Amado fortaleceu ainda mais os nexos entre sua prática literária e a militância,

transformando seus romances em registros cada vez mais sensíveis, quase “orgânicos”, dos debates e das atividades internas do PCB. Em grande medida, sua literatura passaria a focar personagens e enredos que destacassem nem tanto a ação dos “proletários” em si, mas principalmente a dos “comunistas”, de qualquer origem ou condição de classe.

Decerto, não parece aleatório que Amado tenha focado cada vez mais o Partido, justamente num contexto em que seus membros, na mais completa ilegalidade, passavam a sofrer as piores perseguições, prisões e torturas desde a divulgação do **Plano Cohen** e a implantação do Estado Novo em 1937. Um exemplo eloquente dessas novas “tarefas” que o escritor encampou em seu trabalho foi a biografia romanceada de Luís Carlos Prestes, líder maior dos comunistas brasileiros, que se encontrava preso desde 1936 (solto apenas nove anos depois). Escrito entre 1941 e 1942, trata-se de um verdadeiro libelo pela anistia de Prestes e outros presos políticos, funcionando ao mesmo tempo como um culto aos mais altos valores desses seres “feitos de outro barro” que eram os comunistas:

“Todas as noites têm uma aurora”, disse o poeta do povo [...] Em todas as noites, por mais sombrias, brilha uma estrela anunciadora da aurora, guiando os homens até o amanhecer. Assim, também [...] essa noite do Brasil. Tem sua estrela iluminando os homens. Luís Carlos Prestes [...] Quando chegar o momento de construir o dia livre e belo, veremos que ele era a estrela que é o sol: luz na noite, esperança; calor no dia, certeza [...] É o povo num homem. O herói que o povo concebe, alimenta e cria.

O escritor descreve Prestes como se descrevesse o próprio Brasil, e como se as próprias aspirações do povo brasileiro estivessem encarceradas. O “Cavaleiro da Esperança”, como ficou então conhecido, foi tratado como símbolo maior de um protesto contra a “noite” e o obscurantismo da ditadura varguista. Contudo, a biografia também dava forma a uma série de reivindicações favoráveis ao retorno do país às liberdades democráticas que ganhavam fôlego naquele período, junto com as pressões para que o governo ingressasse na Segunda Guerra Mundial, entrando no combate ao avanço hitlerista sobre a Europa. De olho nesse cenário, o PCB traçou um conjunto de diretrizes, cuja linha política pregava a formação de uma “União Nacional” para o esforço de guerra contra o nazismo, interno e

OBREIRISMO. Corrente anti-intelectualista que predominou nos partidos comunistas nos anos 1930, a qual pregava que somente os indivíduos de “origem operária” poderiam assumir cargos dirigentes ou de relevância na organização.

PLANO COHEN. Documento forjado pelo governo e aliados de Vargas, no qual se apresentava um suposto plano dos comunistas para tomar o poder, o que desencadeou uma forte campanha anticomunista que justificaria ainda a implantação do Estado Novo, cuja constituição se inspirou amplamente nos regimes totalitários nazifascistas europeus.

externo, e de uma grande aliança entre todos os setores progressistas da sociedade brasileira numa luta pelo fortalecimento do capitalismo nacional. Desse modo, elegem-se novos “inimigos” a se combater: o imperialismo e o capital estrangeiro, obstáculos para a independência econômica e para nossa autonomia como nação. A tônica nacionalista e reformista que revestiu o discurso partidário na década de 1940 é o que torna compreensível a abordagem de Jorge Amado sobre o mundo rural brasileiro, em *Terras do sem-fim* e *São Jorge dos Ilhéus*. Ao revisitá-lo tema da região cacaueira, dez anos depois de *Cacau*, os coronéis, de vilões e avaros incorrigíveis, se transformam em vítimas do grande capital estrangeiro que usurpavam as riquezas da nação. Ninguém melhor que o próprio escritor para explicar sua nova visão em *São Jorge dos Ilhéus*:

O Partido Comunista [...] convidava os fazendeiros, pequenos lavradores, operários a se juntarem em torno a uma candidatura, a de Maneca Dantas ou outra que pudesse derrotar [...] a de Carlos Zude [...] O Partido Comunista naquele momento não estava defendendo apenas os interesses dos operários, defendia todos aqueles elementos progressistas da zona, que não queriam ver as terras do Brasil na mão dos estrangeiros. Defendia até os coronéis, se bem exigissem maior salário e melhor tratamento para os trabalhadores das fazendas.

Em vez de categorias que remetem às diferenças econômicas (ricos *versus* pobres), a cena evidencia os conflitos entre grupos de interesses políticos, nos quais o coronel Maneca Dantas e o exportador Carlos Zude representavam, respectivamente, o “povo brasileiro” (operários, fazendeiros e mesmo pequenos lavradores) contra os elementos estrangeiros que vinham tomar as terras da nação. É interessante observar que essa perspectiva mais ampliada, não mais focada apenas no universo dos “explorados”, como ocorria em seus romances proletários, coincidiu com o período em que o PCB, em 1945, retornou à legalidade, despondo como uma força eleitoral expressiva na cena política que se montava após os oito anos de ditadura estado-novista. De modo que parece significativo que Amado se esforçasse em mostrar um partido comunista capaz de representar não apenas determinada classe social, mas especialmente os interesses do Brasil como nação e de seu povo como um todo. Aliás, um cenário eleitoral em que o próprio Jorge Amado se candidatou e foi eleito deputado federal pelo PCB de São Paulo, tendo como slogan o “romancista do povo” e não dos “proletários”. Cargo que, junto com os de outros comunistas, não durou muito, já que em 1947 o PCB foi posto novamente na ilegalidade.

Seja como for, o importante é assinalar a forma como, a partir de 1940 e 1950, a literatura de Jorge Amado sofreu oscilações consideráveis decorrentes de suas posições e das mudanças de diretrizes no interior do PCB, cujos efeitos

mais substantivos se fizeram sentir no seu modo de apreender a realidade. À diferença dos anos 1930, nos quais a rígida divisão de classes dava o tom de suas narrativas, nos enredos dos romances das décadas de 1940 e 1950 sobressaía o Partido como força civilizadora e organizadora da vida social como um todo, vista fundamentalmente a partir de divisões éticas e morais entre os comunistas e os não comunistas.

Eles eram apenas alguns milhares, homens por todo o país, perseguidos como ratos, ameaçados por todos os lados. E, no entanto, a marcha dos acontecimentos dependia sobretudo deles, do acerto das suas decisões, de cada pequeno grupo de três ou quatro homens que se reuniam pelas grandes cidades do Brasil.

A passagem de *Subterrâneos da liberdade*, trilogia alentada das perseguições sofridas pelo partido durante o Estado Novo, é exemplo perfeito desse sentido heroico e da tarefa quase sobre-humana que, na visão de Amado, recaía sobre os ombros dos comunistas, como se todos os destinos do Brasil estivessem em suas mãos. Mas, talvez, exemplo também perfeito de uma obra engajada que, como poucas, borrou todas as fronteiras possíveis entre a literatura e a militância política. E o resultado foi uma narrativa na qual a descrição do “Brasil real” nunca conseguiu se livrar por inteiro das imagens do “Brasil utópico” que os comunistas gostariam que fosse.

LEITURAS SUGERIDAS

HORA DA GUERRA, de Jorge Amado. Coletânea de artigos publicados por Amado nos primeiros anos da década de 1940, em Salvador, no jornal *O Imparcial*, nos quais trata de assuntos diretamente relacionados à militância e às posições do Partido Comunista junto à cena política brasileira no contexto da Segunda Guerra Mundial.

PARQUE INDUSTRIAL: ROMANCE PROLETÁRIO, de Patrícia Galvão, ou Pagu. Romance proletário que evidencia a vida dos operários da indústria paulistana no início do século XX, aproximando-se em muitos aspectos do projeto literário de Jorge Amado.

JORGE AMADO: UMA CORTINA QUE SE ABRE, de Rui Nascimento. Trabalho que aborda os períodos em que Jorge Amado, no final dos anos 1930, se refugiou no interior do Sergipe, na cidade de Estância, em função das constantes perseguições que vinha sofrendo da polícia política de Vargas. O livro traz ainda a compilação de uma série de artigos de Amado publicados nos jornais locais, em que fala sobre arte e política.

JORGE AMADO: LITERATURA E POLÍTICA, de Alfredo Wagner Berno de Almeida. Estudo dos mais completos sobre a trajetória de Jorge Amado, em que se explicam as sucessivas transformações de sua obra em face dos contextos mais amplos da vida política e literária brasileiras.

ATIVIDADES SUGERIDAS

✓ Após a leitura de *Capitães da Areia*, pedir aos alunos que pesquisem sobre moradores de rua, particularmente crianças no Brasil atual. Em seguida, pedir que relacionem elementos do romance com elementos da realidade brasileira contemporânea, em cartazes a serem expostos na classe.

✓ A partir da leitura de *Cacau* e/ou *Terras do sem-fim*, propor pesquisa sobre os conflitos agrários e o Movimento dos Sem-Terra no Brasil contemporâneo.

✓ Fazer uma lista dos artistas e escritores brasileiros que simpatizaram com o comunismo e com o integralismo na primeira metade do século XX e contextualizar essas duas vertentes antagônicas. Distribuir a lista para que, em grupo, os alunos façam resumos biográficos ilustrados e depois apresentem à classe.

✓ A partir do exemplo de Jorge Amado, discutir com a classe qual a função de um deputado federal e como se elegem deputados no Brasil.

- ✓ Apoando-se na polaridade política presente no discurso de Jorge Amado e de outros intelectuais nas décadas de 1930 e 1940, discutir com a classe os conceitos de “esquerda” e “direita”, ou de “socialismo” e “capitalismo”, que alimentaram a Guerra Fria por tantas décadas.

